

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**Parabéns, seu e-mail foi sorteado: Níveis de linguagem em
diferentes gêneros textuais**

Adriana Machado de Oliveira¹

Orientadora: Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

Artigo apresentado como requisito parcial
para conclusão do curso de Graduação em Letras – Português.

Brasília, 2014

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade de Brasília. adrianamo.let@gmail.com

RESUMO

Este artigo consiste em uma reflexão sobre a adequação dos níveis de linguagens na produção textual em determinados gêneros discursivos, de acordo com a necessidade de cada contexto de comunicação. O método utilizado foi o descritivo-analítico e a metodologia foi aplicação de questionários. A pesquisa baseia-se nos conceitos de texto, enunciado, gêneros, fala X escrita. A motivação para o desenvolvimento da pesquisa se fundamenta na hipótese de que, embora as pessoas letradas precisem se comunicar, elas apresentam dificuldades em produzir textos em gêneros textuais que elas não dominam.

Palavras-chaves: Enunciado. Produção de texto. Fala X escrita. Gêneros textuais. Níveis de linguagem.

RESUMEN

Este artículo consiste en una reflexión sobre la adecuación de los niveles de lenguajes en la producción textual en determinados géneros discursivos, de acuerdo con la necesidad de cada contexto de comunicación. El método fue el descriptivo-analítico e la metodología fue aplicación de cuestionarios. La investigación se basa en los conceptos de texto, enunciado, géneros, habla X escrita. La motivación para el desarrollo de la investigación se fundamenta en la hipótesis de que, aunque las personas letradas necesiten comunicarse, ellas presentan dificultades en producir textos en géneros textuales que ellas no dominan.

Palabras-claves: Enunciado. Producción de texto. Habla X escrita. Géneros textuales. Niveles de lenguaje.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo é adequação do nível da linguagem na produção textual em diferentes gêneros textuais. O objetivo da pesquisa é identificar o nível da linguagem que o produtor de texto escreve em diferentes gêneros textuais, o gênero que ele escolhe para elaboração de texto. A motivação para o desenvolvimento deste estudo se baseia na hipótese de que, embora as pessoas letradas precisem se comunicar usando o nível formal da língua, elas demonstram ter dificuldade em produzir textos, utilizando gêneros textuais que elas não dominam.

O método empregado foi o descritivo-analítico. A metodologia foi aplicação de questionário aos dez participantes graduados ou graduandos, que se disponibilizaram em colaborar com a pesquisa. A faixa etária do grupo varia de 17 a 57 anos, provenientes de diversos cursos, como Química, Enfermagem, Contabilidade, Informática, Relações Internacionais, Direito e

Administração, sendo quatro pessoas do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Para analisarmos os dados partiremos do ponto de vista teórico referente ao texto e a necessidade de escrevê-los para atuarmos na sociedade, baseado em Garcez (2001) e Beaugrande (1997). Seguiremos com o conceito de enunciado, advindo de autores como Fiorin (2003), Bakhtin (1992), entre outros. Então chegaremos ao ponto chave, o gênero.

Partimos da perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural dos gêneros, defendida por teóricos internacionais como Miller, Bazrman e Freedman. Estes vêm de uma escola americana influenciada por Bakhtin, com a visão histórica dos gêneros e os vinculam com as instituições que os produzem. A atenção se volta para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.

Observaremos a questão do gênero sob o ângulo da fala e da escrita, pois o contínuo verificado entre essas duas modalidades, também tem seus correlato no contínuo dos gêneros textuais como forma de representação de ações sociais. Com base nessa percepção, fundamentamos o trabalho com estudiosos como Marcuschi (1995), Koch & Oesterreicher (1990), Koch (1992 e 1997).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 O texto

Produzir textos é uma ação necessária, pois a sociedade é permeada pela escrita. “Todo ato de escrita pertence a um a prática social. Não se escreve por escrever” (GARCEZ, 2001, p. 8). Escrever tem um sentido e uma função. É por meio da escrita que nos relacionamos com os indivíduos, comunicamos nossas ideologias, dando autonomia à nossa subjetividade. A produção de texto é uma forma de organizar pensamentos; de mostrar o que queremos, quem somos, em que acreditamos; é mais do que uma comunicação ou estruturas gramaticais.

Redigir textos é também compartilhar práticas sociais das mais distintas naturezas, vivenciadas pela sociedade durante toda sua história. Essas práticas de comunicação em sociedade se configuram em gêneros de textos específicos a situação determinada. Para cada contexto e necessidade, existem características adequadas para a construção de um texto.

Beaugrande (1997) afirma que o texto é “um evento comunicativo no qual convergem ações sociais, cognitivas e linguísticas”. Isso significa que o texto é visto como uma sequência de conexões; envolve tanto aspectos linguísticos, como não linguísticos; e, ainda, concretiza-se como um artefato interativo. Esse autor defende que texto “não é uma mera sequência de palavras orais ou escritas”. Ele vê o texto como “um sistema de conexões que inclui elementos tais como sons, palavras, significados, participantes do discurso, ações em um plano, etc.” Quando um falante decide por produzir texto, ele escolhe entre as diversas opções do sistema virtual da língua, ao optar por uma, exclui as demais, e é por meio da sua escolha que o falante se expressa.

O texto apenas se constrói e tem sentido quando imerso em uma prática social. Dessa forma, o que impulsiona o indivíduo a começar a escrever o texto é a motivação, é a razão para escrevê-lo. Como, por exemplo, defender uma opinião, reivindicar um direito, expressar uma emoção, relatar uma experiência, entre outros.

2.2 O Enunciado

Os textos são enunciados, que se realizam mediante práticas sociais dos falantes. Assim sendo, podemos afirmar que os textos assumem as marcas das condições em que são produzidos. Entendemos por *enunciação* o ato de um indivíduo-destinador interagir, em ocasiões de comunicação com um indivíduo-destinatário, o que resulta em um fazer persuasivo, por parte do destinador, em um fazer interpretativo, por parte do destinatário.

O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o *enunciado*. Greimas & Courtés (1994, p. 148) mencionam que “por oposição à enunciação, entendida como ato de linguagem, o enunciado é o estado dela resultante,

independente de suas dimensões sintagmáticas (frase ou discurso).” Então, a enunciação se cumpre na interação entre um *enunciador* e um *enunciatário*.

De acordo com Fiorin (2003, p.163), “enunciador e enunciatário correspondem ao autor e leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e à do leitor construídas pela obra” na interação escrita. Na comunicação falada face a face, esses papéis enunciativos são desempenhados pelos interlocutores.

Por que a enunciação acontece em situações comunicativas desencadeadas no âmbito das práticas sociais dos sujeitos, admite reconhecimento histórico e, como tal, é necessariamente realizada por indivíduos, em tempos e espaços determinados. Assim, a pessoa, o tempo e o espaço constituem as três dimensões categóricas da enunciação e referem-se a um eu, um aqui e um agora. Essas características podem ser recuperadas no enunciado.

Quando escolhemos o texto como objeto de estudo, não escolhemos nem a produção de texto escrito, nem a fala. O que se elege, verdadeiramente, é o enunciado enquanto depositário dos procedimentos da enunciação. Encontramos em Benveniste (1989, p. 82) a concepção de que “a enunciação é este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização”, que abrange o ato propriamente dito, as situações em que ele se concretiza e os instrumentos para sua realização.

2.3 Os Gêneros

Saber a natureza do enunciado, a sua diversidade nas diferentes esferas da atividade comunicacional são cruciais para se estudar os gêneros do discurso. É importante ressaltarmos que essas esferas do uso da linguagem são uma “referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos” (MACHADO, 2005, p. 156).

Nesse aspecto, os gêneros do discurso são constituídos nas várias esferas da comunicação, por meio de um locutor que possui uma intenção de comunicação frente a outro indivíduo na interação. Portanto, a escolha do gênero é determinada de acordo com a especificidade da esfera na qual advém

a comunicação, com a temática e com os participantes. É necessário, para essa escolha, pesar o contexto da enunciação. Bakhtin (1992, p. 282) afirma:

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Um teórico de extrema significância quando se estuda os gêneros do discurso é Bakhtin, pois “a teoria bakhtiniana foi talvez a primeira a formular uma definição baseada em critérios não-linguísticos, mas enunciativos, ligados às condições sociais de produção” (CUNHA, 2002, p. 61). Dessa forma, defendemos o ponto de vista de que as diferentes esferas da atividade humana estão relacionadas com a língua e também se relacionam com um repertório de gêneros. Devido à diversidade dos gêneros, percebemos que são praticamente inexauríveis, uma vez que são reflexos das atividades humanas que demandam estruturas variadas na comunicação.

Os gêneros têm um propósito social bastante perceptível que o determina e lhe dá um meio de circulação. Um aspecto interessante do gênero é que todos têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, porém o que mais o determina é basicamente sua função, e não sua forma, segundo Marcuschi (2008, p. 150).

Os textos orais e escritos norteiam nossas práticas cotidianas, bem como nossa maneira de agir no mundo, pois nos esclarecem, ensinam e guiam os saberes que dispomos. Nossas condutas sociais são traspassadas pelas práticas do letramento, uma vez que não há como realizar nossas ações sem que a linguagem esteja interligada. Nesse sentido, Miller (1984, p. 151) entende que “compreender os gêneros socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos”.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável, por isso tornam-se uma tarefa difícil contabilizá-los todos, tendo em vista que são sócio-históricos e variáveis, então, não há como listá-los e esgotá-los em uma

classificação. Portanto, Marcuschi (2008, p. 159) esclarece que "as distinções entre um gênero e outro não são predominantemente linguística e sim funcional."

Segundo Maingueneau (2001, p. 71) "é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônico, na tela do computador etc"². Os gêneros textuais dependem do suporte para ocorrerem. Marcuschi (2008, p. 174) define suporte como:

um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.

São exemplos de suporte textuais: livro, papel, rádio, telefone, e-mail. Podemos esclarecer que o e-mail é uma palavra homonímia, pois carrega o significado de programa, um suporte do tipo "correio eletrônico", que transporta os mais variados gêneros, como propaganda, fotos, bilhetes e o e-mail. Também, o e-mail pode ser visto como um gênero epistolar, uma transmutação da carta.

2.4 Fala X Escrita

Agora, veremos a correlação dos gêneros entre a fala e a escrita. Para Bakhtin (1979), os gêneros são aprendidos no decorrer da vida do sujeito como membro de alguma comunidade específica. Dessa forma, os gêneros são padrões comunicativos, desenvolvidos socialmente pelo uso, que funcionam como modelo comunicativo global, representado por situações concretas locais. Um exemplo disso é que sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros, talvez desconhecidos por outras sociedades tipicamente escritas, permeadas pelo alto desenvolvimento tecnológico.

A fala e a escrita são duas modalidades de uso da língua, porém cada uma possui as características próprias; assim, a escrita não constitui mera transcrição da fala. Embora façam parte do mesmo sistema linguístico, cada uma possui suas particularidades.

² Ênfase do autor

Porém, a fala e escrita não devem ser vistas de forma dicotômica, como conceituadas por teorias anteriores e, por vezes, ainda hoje. Com base nessa percepção, estudiosos como Marcuschi (1995), Koch & Oesterreicher (1990), Koch (1992, 1997) observam os diversos tipos de práticas sociais de produção textual e estabelecem um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, em um ponto, a escrita formal; e em outro, a conversação espontânea, coloquial. Marcuschi (1995, p. 13) é categórico ao afirmar: “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *contínuo* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”.

Conforme Koch & Oesterreicher (1990), o *continuum* parte de um polo constituído de um gênero marcado pela máxima oralidade ao outro polo que então seria marcado pela máxima *escrituralidade*. Para ilustrar melhor essa teoria mencionada, sobre as várias distribuições sistêmicas dos gêneros, seguindo os critérios gerais sobre a produção textual entre fala e escrita, Marcuschi (2001, p. 41) fez uma representação, conforme figura abaixo:

Gráfico 3. Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.

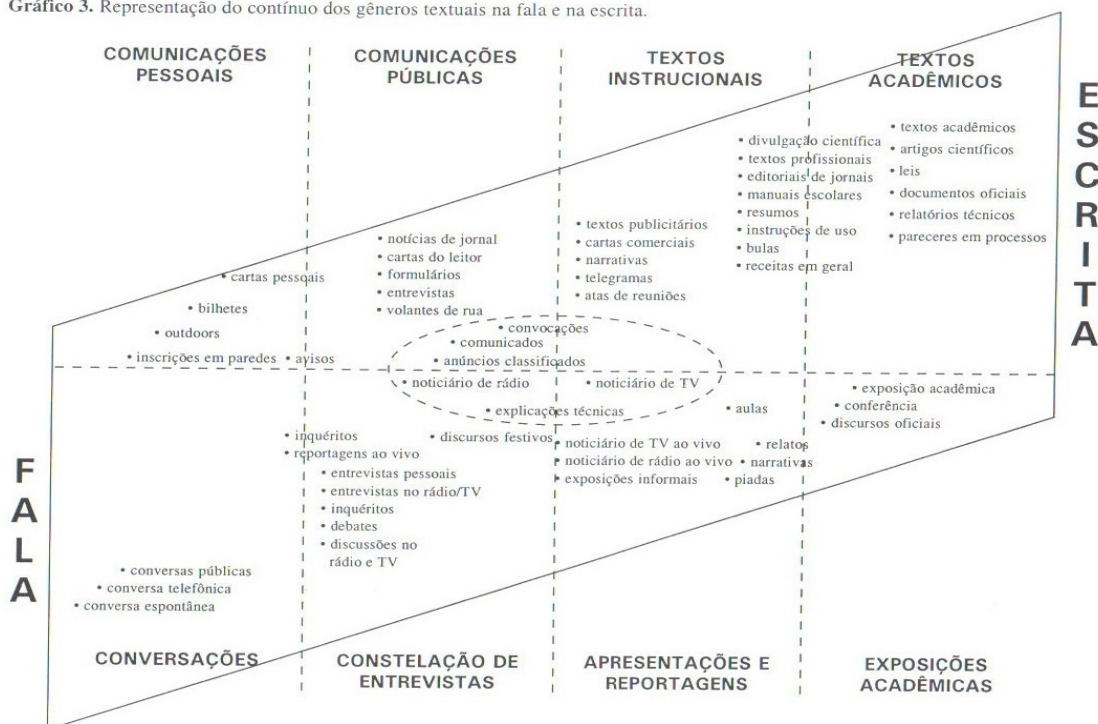


Figura 1: Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita

Fonte: (MARCUSCHI, 2001, p. 41)

O quadro torna definidos os critérios correlacionais entre a fala e a escrita no contexto do contínuo em sobreposição dos gêneros textuais. Segundo esse conceito, o que determina o grau de oralidade ou *escrituralidade* nos textos são as situações de comunicação. Assim sendo, situações sinalizadas pela proximidade determinariam a oralidade, em contraponto com as situações marcadas pela distância, que resultariam na *escrituralidade*.

Existem textos escritos que estão localizados, de acordo com o contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional, como o bilhete, carta a familiares, textos humorísticos; enquanto há textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal, por exemplo, conferências, entrevistas profissionais, entre outros. E, ainda, notamos que existem tipos mistos, além de outros intermediários.

Uma diversidade de fatores vincula a proximidade e a distância entre os interlocutores e suas relações interativas, bem como o grau de privacidade, de cumplicidade, de envolvimento emocional, de espontaneidade, de cooperação, de dialogicidade, lembram Koch & Oesterreicher (1990). Esses fatores serão os responsáveis para determinar a escolha da produção textual, em determinadas circunstâncias, pela linguagem mais ou menos verbal, marcada pelos respectivos recursos distintivos. Assim, situações de proximidade ou distância, irão determinar os gêneros textuais, com suas diferentes formas e estruturas linguísticas. Por exemplo: índices de maior ou menor planejamento textual, referências metadiscursivas, seleção lexical, sintaxe paratática ou hipotática.

Como vimos anteriormente, a fala e a escrita pertencem ao mesmo sistema, apesar de não serem necessariamente dicotômicas, ainda assim, possuem inúmeras distinções. De acordo com Garcez (2001, p. 74), a língua escrita, por exemplo, não dispõe de recursos contextuais, por isso necessita de mais rigorosidade, planejamento, afim de que o texto seja realmente compreendido pelo leitor. Também, esta modalidade, não dispõe de recursos como gestos, voz, expressões faciais.

Na escrita, revisamos para avaliar o funcionamento do texto, de modo que evitamos repetições desnecessárias de palavras, problemas de concordância, truncamentos, pontuação, ortografia etc. Assim, utiliza a sintaxe

mais complexa, que permite a exatidão e clareza do pensamento. O falante procura a precisão do vocabulário, para se evitar palavras inadequadas e incompreensões, já que não há como resolver as dúvidas de imediato. Ele evita gírias e expressões coloquiais, principalmente quando o texto é formal. O produtor textual precisa seguir rigorosamente as exigências da norma padrão, porque o interlocutor está distante e é necessário garantir a compreensão.

Em contraponto, na fala, há mais espontaneidade, corriqueiramente não se planeja o que se falará, excetuando situações que exigem muita formalidade ou delicadeza. Existe o conhecimento do interlocutor, o apoio da situação física, do contexto, das modulações da voz, das referências ao ambiente. Há como explicar más compreensões, resolver dúvidas do ouvinte, usar frases mais simples, conjunções facilmente compreendidas.

A fala exige mais rapidez, usamos expressões dialetais, por isso é comum surgir truncamento, cortes, repetições, problemas de concordância. Pensamos rapidamente e logo nos expressamos, porém, tem-se a facilidade de, a cada momento, corrigir e explicar melhor. Portanto, a escrita não é a simples transcrição da fala, possuem características próprias e exigências diferentes.

Devido às distintas práticas sociais desenvolvidas nos diversos domínios discursivos, se dão as variedades entre a fala e a escrita. Cabe a nós sabermos adequar nosso comportamento discursivo para cada situação. “Os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando as práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descreveremos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta, seleção e análise do *corpus* que constituem esta pesquisa de cunho qualitativo. A coleta de dados ocorreu durante o segundo semestre de 2014, por escolha de graduados ou graduandos, que se dispuseram livremente a participar do estudo. A faixa etária desse grupo varia entre 17 a 57 anos, de egressos ou graduando dos diversos cursos: Química, Enfermagem,

espera-se um distanciamento do interlocutor, bem como rigidez e formalidade. Além disso, trata-se de um documento institucional.

Para finalizarmos, a atividade 3 é um comunicado a pessoas com quem o redator tem intimidade. Dessa forma, o texto não necessita de formalidade, além de ser mais espontâneo. Quanto à produção dessas três amostras de texto, o sujeito necessita perceber as diferenças mencionadas com base em Garcez (2001), no sentido de formular suas concepções, diferenças e adequações do texto, de acordo com cada necessidade.

4 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS

Observaremos os questionários com o intuito de analisarmos os dados referentes às teorias que vimos até aqui, para examinar e entender como os indivíduos constroem seus textos, se conseguem transmitir o enunciado e como se adéquam aos gêneros do discurso e seus respectivos graus de formalidade.

4.1 Atividade 1

Na atividade 1, oito pessoas escolheram o gênero e-mail; uma escolheu e-mail e telefonema; e somente uma escolheu carta. No tocante ao uso das estruturas do gênero, cinco participantes utilizaram todas as estruturas textuais do e-mail como destinatário, corpo do texto, despedida, seguida de assinatura. Com relação ao comando da atividade, sete pessoas atenderam a proposta, outras duas não passaram as informações indicadas, porém requereram mais informações sobre a promoção, e uma pessoa fugiu completamente à proposta.

Agora iremos ressaltar elementos chaves para análises analíticas. Observamos na primeira situação que, apesar do distanciamento do remetente, a maioria dos participantes passou as informações necessárias e, ainda, manifestou satisfação e agradecimentos ao ganhar a promoção, deixando a neutralidade e sendo menos impessoais.

Em um dos casos, o e-mail começa da seguinte forma: "surpreendente ganhar uma viagem assim!", percebemos subjetividade e aproximação à fala

nesse enunciado. Notamos, também, em outros textos, o uso de clichês, como "venho por meio deste, informar" e "é com grande prazer e satisfação". Tais usos comprometem a objetividade na escrita bem como conferem ambiguidade e redundância às estruturas sintáticas.

Em um dos questionários, a informante ao responder sobre qual gênero utilizaria, responde "e-mail e telefone". Nessa situação, escolheu-se telefone, porém esse é um suporte para gêneros orais, a nomenclatura adequada para o gênero seria telefonema. Dessa forma, concluímos que a participante não tem domínio sobre a diferenciação dos conceitos de gênero e suporte.

Ainda com base no exemplo do parágrafo anterior, mais um ponto que podemos ressaltar, é a escolha simultânea de dois gêneros, um escrito e outro oral. Ao analisarmos a produção textual, não encontramos características do gênero telefonema, a não ser sinais de informalidade e oralidade; por outro lado, falta elementos estruturais para que o texto seja um e-mail. Portanto, nenhum dos dois gêneros é abarcado com completude.

Notamos em um dos textos, a desconfiança sobre o prêmio ganhado. Pois, em vez de fornecer as informações solicitadas pelo texto motivador, a pessoa solicita que se confirme a veracidade das informações dadas referentes à promoção. Assim, percebemos que esta participante não confia nas informações advindas do gênero e-mail. Ela opta pela carta ao responder sobre qual gênero utilizaria nesta situação.

Podemos associar a escolha do gênero carta à idade da participante, 57 anos, pois as pessoas mais jovens que participaram da pesquisa preferiram o e-mail. Já aqui, a informante demonstrou ter mais familiaridade e confiabilidade na carta. Porém, ao escrevê-la, observamos que faltaram as características formais da carta, como data e local, remetente, despedida e assinatura. Assim sendo, mesmo optando por escrever uma carta, notamos que ainda faltam alguns conhecimentos sobre tal gênero.

4.2 Atividade 2

Na atividade 2, cinco pessoas escolheram o gênero e-mail; quatro escolheram o memorando; e uma escolheu a carta. No que concerne ao uso

das estruturas do gênero, no e-mail, três participantes utilizaram todas as estruturas textuais e em um não consta a despedida. No memorando, dois participantes atenderam satisfatoriamente as estruturas do gênero de acordo com o Manual de Redação Oficial e outros dois não. E, na carta, não há os elementos textuais que identifique as diferenças entre esse gênero e o e-mail, pois consta o destinatário, o corpo do texto, a despedida, seguida da assinatura, porém faltam as informações data e local. Com relação ao comando da atividade, os dez textos corresponderam à proposta.

Conforme os dados apresentados, descobrimos que memorando e e-mail foram escritos em quase igual quantidade. Portanto, pelos participantes da pesquisa, o e-mail é considerado um gênero adequado para comunicação oficial no ambiente profissional. Ao comparar os dois gêneros textuais, apontamos que a estrutura do memorando é mais rígida, detalhista, além de haver a burocracia envolvida em seu uso, como protocolar e distribuir. Por outro lado, o e-mail é mais rápido, mais acessível, suas estruturas são mais práticas e simplificadas, porém há menos confiabilidade.

A redação oficial caracteriza-se pela impessoalidade, uso da língua padrão, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Nos textos em geral, ao analisarmos as escolhas feitas pelos redatores quanto a esses aspectos da linguagem, observamos distorções a forma oficial de redigir. Os trechos “Venho-lhe informar”, “venho por meio desta”, “desde já agradeço a compreensão”, encontrados em mais de um formulário, exemplificam o abuso de expressões e clichês do jargão burocrático. O texto fica vazio de sentido e, ademais, perde a clareza e a concisão.

Em algumas redações notamos a falta de impessoalidade ao comunicar o fato de ganhar o prêmio na promoção descrita. Não há lugar, na redação oficial, para impressões pessoais. Nos seguintes enunciados “é com muita felicidade que tive a sorte de ganhar um prêmio” e “tive a grata satisfação de ser sorteado” percebemos a interferência do tom particular e pessoal. Como consequência disso, os textos deixaram de ser concisos e objetivos.

Naturalmente, aqueles que redigiram o texto com maior quantidade de estruturas do gênero também foram mais primorosos com os recursos da

redação oficial. Estes redatores evitaram expressões coloquiais, foram exatos e precisos. Dessa forma, demonstraram maior intimidade e conhecimento sobre o gênero selecionado, não só nas estruturas formais como na adequação da linguagem.

4.3 Atividade 3

Na atividade 3, três pessoas escolheram o gênero mensagem pelo celular; cinco escolheram recado em rede social; um escolheu mensagem pelo celular e recado em rede social; e, por fim, outro escolheu o e-mail. No que concerne ao uso das características dos gêneros, todos os participantes se adequaram aos gêneros escolhidos. Com relação ao comando da atividade, os dez textos corresponderam ao enunciado.

Conforme os dados acima mostram, para esta situação, em todos os gêneros selecionados, a comunicação se dá pela linguagem escrita, porém muito próxima a fala. Há informalidade, menos monitoração e cobrança pela agilidade do tempo e pela fluidez do meio. Em geral, os textos foram subjetivos e mais curtos comparados com os das atividades 1 e 2.

Os elementos que veremos são próprios da fala espontânea, sem planejamento, mas aparecem na escrita de forma eficiente quando a intenção é dar um tom coloquial, informal, um efeito de intimidade ao texto que simula a oralidade. Por exemplo, formas reduzidas e contraídas, como “tô” (estou), “né” (não é), “pra” (para). Uso de expressões metafóricas: “Estou explodindo de felicidade”. Gírias e coloquialismo. A escrita de onomatopéias para sorriso “Hehe”, “kkkk”, “hahaha”, também “uhuuuu” e “uhulll” para grito de contentamento e comemoração. Percebemos a intimidade com o interlocutor já nos vocativos utilizados “galera”, “pessoal” e “amigos”.

Devido à subjetividade do texto, há demonstração de ideologias. Os dados e a pesquisa não têm por objetivo principal analisar aspectos subjetivos e comportamentais do pesquisado, porém, a partir dos enunciados, podemos fazer inferências sobre ideologias. Os casos são de agradecimento a Deus “Deus me ama muito”, de considerar-se sortuda “#sousortudademais”, já outro é pessimista “nunca tinha ganhado nada”.

Dois pesquisados demonstram traços de solidariedade, o primeiro avisa aos amigos sobre a promoção para que “acessem o site e verifiquem se existem outras promoções”, e o outro comunica que irá presentear aos amigos “vou trazer chaveiro para todos”. Uma das pessoas sonha em conhecer Paris “vou realizar meu sonho de ir pra Paris”. Identificamos traços da identidade na forma como as pessoas respondem. Ainda que não seja nada conclusivo, poderia aprofundar e ser o foco de pesquisa posterior, voltada para a análise do discurso

Mais uma vez podemos ressaltar a falta de conhecimento sobre a distinção entre gênero e suporte. Em cinco dos questionários, os participantes ao responderem sobre qual gênero utilizariam, cindo escrevem “WhatsApp”³ e um “rede social”. Portanto, WhatsApp e rede social não seria os gêneros discursivos, mas sim os suportes para os gêneros mensagem pelo celular e recado, respectivamente.

Nesta situação, em todas as comunicações escolhidas pelos pesquisados usa-se a internet. Esse conjunto de redes virtual caracteriza-se pela rapidez do que se quer dizer, assim como, o fato de se comunicar com vários indivíduos ao mesmo tempo. A linguagem utilizada pelos usuários na internet possibilitou a criação de uma linguagem própria, que atendesse ao universo cibernético.

Um dos reais motivos da existência dessa linguagem específica na internet foi o de criar abreviações e imagens, que acompanhassem e ilustrassem a velocidade do pensamento tal qual a oralidade. Nos corpora da pesquisa temos alguns exemplos dessa linguagem, como “<3”, um *emoticons* que significa coração. E, também o Hastag “#”, “#partiuParis”, empregado como *Tag* para palavras-chaves ou termos associados a uma informação que se deseja indexar a formas explícitas em redes sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ A fim de esclarecer, o WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones, possui aproximadamente 235 milhões de usuários ativos, além de mensagens pode enviar imagens, vídeos e áudios. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/whatsapp-tem-600-milhoes-de-usuarios-ativos-mensais-diz-empresa.html>> acesso em: 21/11/2014

A análise empreendida neste estudo abordou os níveis de linguagem em diferentes gêneros textuais, reconhecendo que os indivíduos têm facilidade para escrever, porém percebe-se que o que dificulta é quando precisam adequar-se ao nível de formalidade do texto. Quando a escrita se aproxima da fala, torna-se mais fluida, bem como quando o produtor possui conhecimento sobre o gênero em que escreve.

Aqueles que redigiram o texto com maior quantidade de estruturas do gênero também foram mais primorosos com os recursos da linguagem. Dessa forma, demonstraram ter mais habilidade com a escrita a partir do gênero selecionado, não só nas estruturas formais como na adequação da linguagem.

Na pesquisa, identificamos que os pesquisados apresentam um mínimo de conhecimento sobre os gêneros, pois, de acordo com as propostas dadas nos questionários, vimos que as distinções entre os gêneros não são nem tanto linguísticas e sim funcionais. Cada gênero já traz em si, escolhas prévias em relação às estruturas básicas da linguagem que são naturalmente selecionadas pelo redator. Ele assimila esses formatos porque convive com os textos nas práticas sociais. Por isso, os partícipes conseguiram escolher um gênero para cada situação, apesar de não o dominarem em totalidade, obtiveram êxito na comunicação.

Os dados deste estudo nos revelam que um dos problemas mais recorrentes na produção de textos é a falta de clareza entre a modalidade oral, que transpassa a escrita informal, e a modalidade da escrita formal. Observamos que estruturas da fala podem aparecer em contextos informais, porém são utilizadas incoerentemente na escrita formal. Conforme vimos na análise dos dados das atividades 1 e 2, pouquíssimos participantes dominam a escrita objetiva e formal - língua padrão -, ou eles foram informais ou cometem excesso de formalidade.

Os dados considerados neste trabalho apontam a necessidade de que o redator tome decisões referentes aos objetivos do texto, ao seu funcionamento em determinada situação, ao nível de linguagem e ao gênero. Notamos que as maiores dificuldades estão relacionadas ao domínio e ao uso de cada um desses conceitos.

Uma das principais dificuldades para realizar esta pesquisa foi encontrar pessoas que quisessem contribuir e preencher ao questionário. Não selecionamos nenhuma pessoa do curso de Letras, pois, subtende-se que já tenham domínio do tema da pesquisa. Em trabalhos futuros podemos analisar com minúcias o surgimento e a concorrência entre determinados gêneros, por exemplo, o e-mail e a carta, o e-mail e o memorando, e qual deles está sendo mais recorrente.

Podemos ressaltar, de acordo com os dados do estudo, que a escrita é um ato tão pessoal, que nos representa de forma particular. O texto motivador e o comando de cada atividade são os mesmos para todos, entretanto cada um tem sua maneira própria de escrever e transmitir o enunciado. Embora as pessoas letradas se deparem com dificuldades em produzir textos se adequando aos níveis de linguagem, elas possuem uma noção cultural sobre o acervo de modelos de textos disponíveis na língua. Dessa maneira, concluímos que os sujeitos sabem quais modelos utilizar em cada contexto comunicativo e, principalmente, conseguiram passar o enunciado, independente da modalização do discurso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm>. Acesso em 10 nov. 2014.

Benveniste, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes/Edunicamp, 1989.

CUNHA, D. de A. C. *A noção de gênero: dificuldades e evidências*. Leitura: Teoria e Prática. Campinas, Porto Alegre, v. 20, n. 39, out. 2002. p. 60-64.

FIORIN, J.L. 1996. *As astúcias da enunciação*. São Paulo. Contexto. Ática.

_____. (Org.) *Introdução à linguística*. V. II. Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2003.

GARCEZ, L. H. C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1994.

KOCH, P. & OESTERREICHER, W. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Niemeyer, 1990.

KOCH, I. P. *A Inter - Ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: UNICAMP, 1997. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2430/1884>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

_____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MACHADO, I. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A.P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M.A. (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

_____. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 17-33.

_____. *Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos*. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

MILLER, C. R. *Genre as social action*. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Org.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis 1994. p. 23-42. (Originalmente publicado em: *Quarterly Journal of Speech*, v. 70, p. 151-167, 1984.)